

DAQUI – A BUSCA POR UM TEATRO INCORPORADO À COMUNIDADE

Lucas Fabrício Silva Araújo (UFMG)¹

RESUMO

Na busca por perspectivas negras para a prática cênica na rua, a proposta deste artigo é desenvolver um relato de experiência do processo de criação do espetáculo “Daqui – Teatro de Lucas Fabrício”, desenvolvido na cidade de Nova Lima, Minas Gerais, de agosto a dezembro de 2021, evidenciando como ele foi conduzido tendo a vadiagem como conceito operativo para orientar um modo de me relacionar com a rua e a autobiografia para abordar a história da cidade de Nova Lima, além da articulação de diferentes elementos para intervir no espaço urbano. A peça realizou temporada de 2 a 5 de dezembro de 2021 ocupando a rua e parte da estrutura da minha casa em construção e sendo composta também por lambe-lambes, intervenções sonoras e pelo convívio do público na rua antes, durante e após as apresentações, ampliando a experiência do teatro na rua a uma experiência de convivência comunitária.

PALAVRAS CHAVE

Teatro e cidade. Processo criativo. Teatro negro. Vadiagem. Intervenção urbana.

RESUMEN

En la búsqueda de perspectivas negras para la práctica escénica en la calle, el objetivo de este artículo es desarrollar un relato de experiencia del proceso de creación de la obra “Daqui – Teatro de Lucas Fabrício”, desarrollado en la ciudad de Nova Lima, Minas Gerais, de agosto a diciembre de 2021, mostrando cómo se llevó a cabo teniendo como concepto operativo la vagancia para orientar una forma de relacionarme con la calle y la autobiografía para abordar la historia de la ciudad de Nova Lima. La obra estrenó del 2 al 5 de diciembre de 2021 ocupando la calle y parte de la estructura de mi casa en construcción y siendo compuesta también por lambe-lambes, intervenciones sonoras y por la convivencia del público en el espacio urbano antes, durante y después

¹ Mestrando em Artes da Cena pelo Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGArtes – EBA / UFMG. Orientador: Prof. Dr. Rogério Lopes. Ator, diretor e professor de Teatro.

de las funciones, ampliando la experiencia del teatro en la calle a una experiencia de convivencia comunitaria.

PALABRAS CLAVE

Teatro y ciudad. Proceso creativo. Teatro negro. Vagancia. Intervención urbana.

Sou Lucas Fabrício, ator, professor e diretor de teatro, homem negro cisgênero, morador de Nova Lima, cidade localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. No segundo semestre de 2021, ingressei no curso do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG – Linha Artes da Cena, com o projeto de pesquisa “Vadiagens pelas bandas de Nova Lima: a busca por uma prática cênica decolonial”, sob orientação do Prof. Dr. Rogério Lopes.

De modos gerais, o projeto de pesquisa apresentado previa a realização de uma criação teatral nas ruas de Nova Lima a partir do conceito de vadiagem, abordando a história das populações negras da cidade e investigando como um processo criativo pode ser concebido a partir de perspectivas e referências negras.

Também no segundo semestre de 2021, fui selecionado para desenvolver uma criação artística para o projeto “Raízes da Resiliência”, realizado pela *People’s Palace Projects* (PPP) e *Queen Mary University of London* (QMUL), em parceria com o Instituto Inhotim – Brumadinho – MG. No escopo do projeto, que envolveu quatro diferentes cidades do Quadrilátero Ferrífero - MG², cinco artistas deveriam desenvolver uma criação autoral cada, em diálogo com seus territórios e movidos pela pergunta: como a arte pode reduzir os riscos que você considera mais urgentes para sua comunidade?

No cruzo da pesquisa acadêmica com e criação artística, optei por redirecionar a metodologia proposta no projeto de mestrado e seu cronograma, assumindo a criação para o projeto “Raízes da Resiliência” como primeira etapa da pesquisa na pós-graduação. Assim, de agosto a dezembro de 2021, desenvolvi o processo de criação do espetáculo “Daqui – teatro de Lucas Fabrício”, com atuação e dramaturgia minhas e direção de cena do Prof. Dr. Rogério Lopes. A peça realizou temporada de 2 a 5 de

² Região localizada no centro-sul do estado de Minas Gerais, caracterizada pela alta concentração de recursos minerais e atividade mineradora. (FRANCISCO, 2022).

dezembro de 2021 na Rua Padre Américo Coelho, Nova Lima, ocupando parte da estrutura da minha casa em construção e sendo composta também por lambe-lambes, intervenções sonoras no alto-falante da paróquia do bairro e pelo convívio do público na rua antes, durante e após as apresentações, ampliando a experiência do teatro na rua a uma experiência de convivência comunitária.

A partir da comunicação oral realizada no XI Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas em fevereiro de 2022, a proposta deste texto é relatar o processo de criação do espetáculo “Daqui”, evidenciando o modo como foi conduzido a partir do conceito de vadiagem e em busca de perspectivas negras para diálogo com a cidade e sua história.

Cadê o ouro que tava aqui?

No início do processo de criação, alguns caminhos metodológicos me pareciam certos: a rua como elemento estruturante desde as etapas iniciais do processo de criação, aos moldes das metodologias dos grupos Teatro Público³ e Teatro&Cidade⁴, ambos de Belo Horizonte; e a busca por perspectivas negras para abordagem da história de Nova Lima, em oposição às narrativas coloniais centradas na presença inglesa.

Enquanto artista-pesquisador negro e morador de Nova Lima, também me parecia imprescindível definir posicionamentos éticos e políticos para orientar a maneira de me relacionar com a cidade, seus sujeitos e narrativas históricas. Assim, comecei a levantar perguntas para refletir sobre os contornos epistemológicos do processo: como desenvolver uma pesquisa e criação nos espaços públicos de Nova Lima? Como envolver outros sujeitos na criação através da rua? Quem pode contar a história de uma cidade? Onde ela começa? Como conta-la?

³ “O grupo experimenta novas formas de relação com o espaço urbano e o espectador, investigando o potencial da ficção no cotidiano da cidade por meio do trabalho com a máscara, da habitação teatral, da ocupação de espaços não convencionais e da intervenção urbana. Ao colocar os espaços urbanos e seus habitantes como elementos centrais da cena, os trabalhos desenvolvidos procuram focar e problematizar as relações entre atores, público, espaço e acontecimento teatral.” (TEATRO&CIDADE, 2022)

⁴ “(...) um teatro que aconteça junto com a cidade, sem que seja preciso fechar ruas ou montar palcos. Um teatro em que a ação dos atores depende da sua capacidade de conquistarem seu espaço e, ao mesmo tempo, da generosidade daqueles que partilham a construção das cenas, dos jogos, das brincadeiras e das imagens que surgem a cada esquina, a cada olhar, a cada aperto de mão, a cada tombo ou tropeção, a cada risada.” (TEATRO PÚBLICO, 2022).

A partir de uma revisão bibliográfica inicial⁵, percebi que o que se conta sobre a história de Nova Lima atrela seu surgimento ao início da exploração de ouro na região, controlada, a partir de meados do século XIX, pelo capital inglês. Segundo Andrade (2010), a *St. John Del Rey Mining Company*, ou Mineração Morro Velho, empresa britânica que se instalou na região em 1834, não apenas controlou as minas da cidade, mas também operou práticas de disciplinamento e moralização da população, interferindo nos modos de vida de seus trabalhadores e na formação da identidade cultural local.



Figura 1 – Sequência de imagens criadas digitalmente a partir de fotografia de mineiros da Mina de Morro de Velho, de origem desconhecida.⁶

Sob o domínio do capital estrangeiro e influência da cultura britânica por mais de um século, as narrativas históricas presentes no imaginário local sobre a origem da cidade exaltam a colonização inglesa, que ainda persiste na tessitura urbana de Nova Lima (símbolos, nomes de ruas, monumentos, personalidades, “heróis”...). Por outro lado, pouco se diz sobre as práticas exploratórias de trabalho empregadas na Mineração Morro Velho que geraram a morte de inúmeros trabalhadores, seja pela inalação recorrente do pó de sílica, um dos insumos da mineração, ou pelas explosões e desabamentos que ocorriam no interior das minas. Pouco se sabe também sobre a origem e influência de outros povos que ocuparam a cidade, seus conhecimentos, expressões culturais, práticas religiosas, formas de ocupação urbana e contribuições para o desenvolvimento social e cultural local.

⁵ FIGUEIREDO, 2017; ANDRADE, 2010; GROSSI, 1981; MAIA, 2014.

⁶ Créditos: Lucas Fabrício.

No livro “Viagem do Rio de Janeiro à Mina de Morro Velho”, o explorador inglês Richard Burton narra viagem realizada em meados de 1860 pelas bandas de Nova Lima, com o intuito de relatar as condições da atividade mineradora na região no período. A narrativa descreve, aos olhos do inglês, além dos modos de trabalho na mina, as características geográficas da região, sua formação populacional, economia, cultura e costumes locais. Para caracterizar os moradores da cidade à época, em sua maioria, trabalhadores da mina, Burton (2001) distingue três grandes grupos: o “mineiro branco” (formado pelos colonos ingleses e imigrantes europeus), o “mineiro pardo” (formado pelos “brasileiros livres”) e o “mineiro preto” (formada pelos sujeitos escravizados). Além destas categorias, relacionadas a identidades raciais e hierarquias de trabalho, em certo momento do texto reconhece também a presença dos *vadios*:

E aqui vemos, distintamente, diante de nós, a extinção da escravatura neste magnífico Império. O negro importado, cativo, proscrito, criminoso vindo da África melhorou muito ao atravessar o mar. A raça superior que o admitiu, contudo, foi por ele altamente prejudicada, sob muitos aspectos, morais assim como físicos, principalmente indispondo-a contra todo o trabalho [...]. Onde os negros trabalham, todo trabalho se torna servil, e, em conseqüência, o povo carece do “altivo camponês, orgulho do país”. Assim, nas terras em que ainda persiste a “instituição” moribunda, há uma classe conhecida, na União Sulista, como *mean whites* e, no Brasil, como “vadios” ou “capadócios”. [...] Não há palavras bastante fortes para caracterizar a família dos vadios. Ele vive, às vezes, à custa dos diligentes, cujos sentimentos humanitários e católicos não seriam capazes de expulsar um vagabundo de sua porta [...]. É, assim, um consumidor, não um produtor, e, ao aumentar a população, nela introduz as miríades de males de sangue misturado. Algumas dessas famílias de mulatos degradam a humanidade. [sic] (BURTON, 2001; p. 326 – 327 – GRIFOS DO AUTOR.)

Percebe-se na citação acima como Burton (2001) equipara a categoria *vadio* a denominações racistas relacionadas à miscigenação (“mean whites”, “mulato”), ressaltando ser o vadio o responsável por inserir, no “magnífico Império”, “as miríades de males de sangue misturado”. Também relaciona o vadio à indisposição para o trabalho, descrevendo-o como “consumidor” e não “produtor”. Nesse sentido, em um contexto social colonial e escravagista, o vadio pode ser visto como uma transgressão às práticas exploratórias de trabalho e ao projeto de hegemonia racial da colonização.

Segundo o dicionário Oxford⁷, vadiar significa “andar à toa, passear de um lado para o outro; vaguear”, “viver a ociosidade; não trabalhar”. No imaginário popular, o

⁷ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/vadiar/>>. Acesso em: 22 de abril de 2022.

conceito é utilizado para designar sujeitos que, sem ocupação formal ou sem residência fixa, ocupam a rua e representam um modo de vida ameaçador aos “bons costumes”, tal qual o *povo da rua*, assim caracterizado na “Pedagogia das Encruzilhadas” por Luiz Rufino:

Malandros, prostitutas, cafetões, ladrões de toda estirpe, assassinos, excomungados, bêbados, eternos caminhantes, fugitivos, achacadores de otários, toda a sorte de miseráveis que, em seus corpos e práticas, forjam um inventário tático de modos de ser e praticar a rua. Arquivos corporais que codificam e enunciam nas práticas uma contracultura do civilismo colonial. (RUFINO, 2019; p. 110).

Ao longo da história, a vadiagem também foi utilizada para coibir criminalmente manifestações culturais, religiosas e modos de vida das populações afro-brasileiras e africanas, como a capoeira, por exemplo. Por outro lado, estas mesmas manifestações se apropriaram do *vadio* e da *vadiagem*, desdobrando o conceito em derivações presentes em pontos de Umbanda, Candomblé, rodas de capoeiras e em composições de samba.

Pela sua relação com as populações negras brasileiras, com o universo da rua e por apontar transgressões às práticas exploratórias de trabalho e de controle social, encontrei na *vadiagem* um conceito operativo possível para estruturar as etapas do processo de criação, orientando um modo de estar e me relacionar com a rua, um ponto de vista para abordar a história de Nova Lima e um posicionamento metodológico para a criação.

Quantas memórias cabem na sua rua?

Como primeiro procedimento de pesquisa e criação, comecei a *vadiar* pelas ruas de Nova Lima a fim de reconhecer, a partir da perspectiva da vadiagem, seus caminhos, espacialidades, casas, transeuntes, fluxos e dinâmicas. As práticas eram realizadas em diferentes turnos e dias da semana, permitindo o contato com diversos fluxos urbanos. Saía vagueando sem necessariamente definir um destino, ou variando-o ao longo da experiência, procurando também reconhecer e me relacionar com “vadios” pelo caminho, sujeitos que se relacionam com a cidade e com o trabalho de maneira transgressora: ambulantes, moto-taxistas, mendigos, artistas, bêbados...

As vadiagens foram realizadas ao longo do mês de agosto e início de setembro de 2021 e foram registradas em diário de bordo, onde descrevia os trajetos, narrava encontros, anotava observações sobre a cidade, pensamentos, reflexões e ideias. Assim, tais relatos se converteram em importantes instrumentos etnográficos para a pesquisa, propiciando reflexões que me auxiliaram a encontrar caminhos epistemológicos e dramaturgicos para a criação.



Figura 2 – Torre da Paróquia de Santo Antônio de Morro Velho, localizada no bairro Retiro, onde há um alto falante que foi utilizado para intervenções sonoras durante a temporada do espetáculo “Daqui”.⁸

Ao vadiar por Nova Lima, território onde cresci e resido, era inevitável ser atravessado pela minha própria relação histórica com a cidade e recordar memórias, lembranças, reconhecer pessoas, perceber alterações nas paisagens, enfim, revisitar minha história de vida na cidade. Nesse sentido, percorrer as ruas nova-limenses me conectou com minha própria autobiografia, que também passou a interferir na maneira como me relacionava com a cidade durante as vadiagens.

Além disso, pelas ruas *daqui* sou comumente identificado como “Lucas do Retiro”, “filho de Careca e de Tuca”, “neto de Dona Salú”, “sobrinho de Beto que conserta bicicleta”, “de Regina professora”, “Lucas que faz teatro”, “aquele que era coroinha”, dentre tantas outras referências que ressaltam características da minha identidade, ancestralidade e história de vida.

⁸ Créditos: Lucas Fabrício.

A partir dessa dimensão autobiográfica apontada na pesquisa, percebi que os vazios presentes nas narrativas históricas sobre a formação de Nova Lima, que pouco dizem sobre os povos negros que vieram para cá e suas contribuições para a formação da cidade, são também os vazios da minha própria história de vida em relação a minha ancestralidade. Enquanto sujeito negro, resgatar a origem da minha família e formação étnica é trabalho complexo pela ausência de documentos, registros, histórias, antepassados e pela influência de pensamentos eugenistas que operaram o embranquecimento e apagamento histórico de muitas famílias negras brasileiras.

Kabengele Munanga (2020), ao tecer reflexões sobre a negritude no contexto brasileiro, aponta componentes essenciais para a construção da identidade cultural de um grupo: o fator histórico, o linguístico e o psicológico. Sobre o fator histórico, para o autor este seria o mais importante, pois uniria diferentes elementos comuns a um povo em um sentimento de continuidade histórica vivida pela coletividade:

O fator histórico parece ser o mais importante, na medida em que constitui o cimento cultural que une os elementos diversos de um povo através do sentimento de continuidade histórica vivido pelo conjunto de sua coletividade. O essencial para cada povo é reencontrar o fio condutor que o liga a seu passado ancestral o mais longínquo possível. A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que ela cria, constitui uma relação de segurança a mais certa e a mais sólida para o povo. É a razão pela qual cada povo faz esforço para conhecer sua verdadeira história e transmiti-la às futuras gerações. Também é a razão pela qual o afastamento e a destruição da consciência histórica eram uma das estratégias utilizadas pela escravidão e pela colonização para destruir a memória coletiva dos escravizados e colonizados. (MUNANGA, 2020; p.12).

Se a destruição da consciência histórica foi estratégia para destruição da memória coletiva dos sujeitos escravizados e colonizados, em sentido contrário, a reconstrução dessa consciência histórica pode resgatar esse sentimento de “coesão” e permitir a um povo se identificar no conjunto de sua coletividade. Nesse sentido, frente às lacunas e apagamentos nas narrativas históricas das populações negras nova-limenses, a realocação dos sujeitos destas populações como autores e protagonistas de suas próprias histórias pode ser aposta para a reconstrução desta consciência histórica.

Para Grada Kilomba (2019), a autoria para pessoas negras permite uma oposição ao lugar de “outridade”, conforme estabelecido no projeto colonial, e uma invenção de si mesmas a partir deste espaço vazio, “tornando-se sujeito”:

Não sou *objeto*, mas o *sujeito*. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. [...] O ato da escrita como um ato de tornar-se e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou. (KILOMBA, 2019; p.28 – grifos da autora).

Nesse caminho, a autoralidade e a autobiografia foram compreendidas no processo de criação como possibilidade de repatriar meu corpo e voz para contar minhas próprias histórias, da minha família, comunidade e, assim, revisitar a história da população negra de Nova Lima, abrindo brechas para nos conectarmos enquanto coletivo. Do mesmo modo, assumir a posição de autor neste processo permitiu a reinvenção da minha própria prática artística, esquivando das tantas armadilhas coloniais presentes na Arte, suas instituições e modos de criação, e reconectando-a com epistemologias e referências negras.

Durante os meses de setembro e outubro, desenvolvi uma investigação autobiográfica, buscando, à partir da minha história de vida e da minha família, conexões com outras histórias da cidade de Nova Lima. Utilizei como procedimentos de pesquisa: entrevistas com familiares, resgate de fotografias e objetos antigos e reconstituição histórica familiar para localizar parentescos, ramificações e possíveis origens.

Como você veio parar aqui?

Meu avô paterno, Firmino Antônio de Araújo, trabalhou a maior parte de sua vida como motorista da Mineração Morro Velho e adquiriu, com a própria mineradora, uma casa no bairro do Retiro, Nova Lima, parcelada em prestações que duraram além de sua própria vida. Ao lado de minha avó Salu, criou seus doze filhos nesta casa, localizada em um grande terreno que, pouco a pouco, foi sendo dividido entre alguns filhos e filhas. Ali, nos fundos da casa de vó Salu, morei durante a infância e adolescência, até migrar para Belo Horizonte para estudar e trabalhar na juventude. De volta a Nova Lima há cerca de 5 anos, em 2021 iniciei a construção da minha própria casa no mesmo terreno, em cima de onde é, hoje, a casa da minha mãe.

Ao olhar para traços da minha história, percebi que o território da minha casa em construção, que foi também o da casa de meus pais, avós e, antes disso, “propriedade”

da Mineração Morro Velho, poderia ser um elo para cruzar essas dimensões temporais, apontando narrativas sobre a história da cidade desde a perspectiva de uma família mestiça nova-limense. Desse modo, foi o território específico da minha casa o ponto de partida para me reencontrar com histórias e memórias familiares, relacionando-as também com outras histórias da rua, do bairro e da cidade. Aqui esteve presente a vadiagem como perspectiva para olhar para a história da minha família e investigar também ali formas de transgressão aos “bons costumes” e ao projeto de civilização colonial.



Figura 3 – Sequência de imagens criadas digitalmente a partir de fotografia da minha avó paterna, Dona Salu.⁹

A coleta de entrevistas e depoimentos em áudios e o resgate de fotografias familiares revelaram a edição de som e a edição gráfica como procedimentos criativos para o processo. Comecei a *vadiar* por essas linguagens, experimentando a elaboração de dramaturgias visuais e sonoras e promovendo diálogos delas com a criação cênica. Através de edições gráficas digitais, brincava de destacar lacunas nas imagens e preenche-las com fabulações de passados, invenção de memórias. Já os áudios, eram recortados e reordenados em pequenos episódios, organizando as vozes de familiares a partir dos temas abordados nas entrevistas.

Como um tempo que espirala, *vadia*, e cruza passado, futuro e presente, me vi revisitando as memórias do território onde vivo ao mesmo tempo em que projetava nele meu próprio futuro. A estrutura da minha casa em construção, composta por três

⁹ Créditos: Lucas Fabrício.

patamares de lajes voltadas para a Rua Padre Américo Coelho, mostrou-se uma habitação potente para a criação e passou a ser ocupada por mim e Rogério Lopes durante as etapas seguintes do processo criativo. Reuníamos-nos frequentemente na “rua de casa”, nos debruçando sobre aquele território e investigando suas possibilidades cênicas e dramatúrgicas. Nestes encontros, vadiávamos pelos limites da pesquisa acadêmica e da criação cênica, entrecruzando estes territórios de diferentes formas.



Figura 4 – Registro da temporada do espetáculo “Daqui – teatro de Lucas Fabrício”.
Nova Lima, dezembro de 2021.¹⁰

As criações e materiais coletados ao longo do processo compuseram um inventário pessoal que incluiu diários de bordo, registros das vadiagens pela cidade, criações gráficas digitais, registros sonoros, fotografias, documentos de família e minhas próprias experiências e subjetividades em relação à cidade, enquanto morador e cidadão negro. Durante o desenvolvimento da criação cênica, a partir desse inventário e em diálogo com a rua e com a espacialidade da construção, armamos encruzilhadas dramatúrgicas entre a cidade, a minha história de vida e fragmentos da história de Nova Lima.

Do mesmo modo, o próprio desenvolvimento do processo na rua, em contato direto com transeuntes e com minha família, ampliou as camadas da criação e permitiu com o que o trabalho fosse se incorporando pouco a pouco à comunidade do bairro. Durante as práticas, a movimentação inusitada na fachada de casa despertava o interesse

¹⁰ Créditos: Nívea Sabino.

de quem passasse por ali: “o que vai acontecer aqui?”, começavam a perguntar na medida em que a criação ia ganhando forma.

Essa etapa, desenvolvida ao longo do mês de outubro e novembro, envolveu práticas de ocupação do espaço, exercícios de improvisação, criação de objetos e um intenso exercício de elaboração conceitual entre mim e Rogério, ambos atores, diretores, professores e pesquisadores negros. Enquanto dialogávamos a partir de nossos próprios repertórios de criação, levantávamos questionamentos metodológicos na busca por um teatro amparado em referências e perspectivas negras.

Começamos a criar estruturas cênicas a partir de narrativas das práticas exploratórias de trabalho empregadas na mina de Morro Velho e de histórias da minha família, ressaltando saberes, “causos” e buscando traços de vadiagens na nossa ancestralidade negra. Buscamos uma dramaturgia estruturada a partir de diferentes elementos (textos, movimentações, imagens, trilhas sonoras), que se sobrepunham e eram incorporados por mim em *performance*. As cenas eram executadas ao longo de um trajeto que envolvia a rua, as lajes da minha casa em construção e a garagem da casa do meu irmão, por onde o público era conduzido ao longo do espetáculo.



Figura 5 – Registro da temporada do espetáculo “Daqui – teatro de Lucas Fabrício”.
Nova Lima, dezembro de 2021.¹¹

“Daqui” foi o nome escolhido para o trabalho, demarcando o ponto de vista assumido ao longo de todo o processo: uma prática cênica que nasce e se desdobre

¹¹ Créditos: Nívea Sabino.

“aqui”, neste território e em diálogo com seus sujeitos, abordando suas próprias histórias. Já o subtítulo “teatro de Lucas Fabrício” remete afetivamente à forma como meus familiares se referiam às brincadeiras cênicas que realizava no terreiro de Vó Salu quando criança, e surge também como pista da natureza da criação que, em sua raiz, buscou dialogar com a comunidade de Nova Lima à qual pertence e sou reconhecido. Assim, especificar a criação ressaltando a autoria em seu subtítulo foi estratégia para estabelecer já de antemão o vínculo biográfico presente em sua concepção, dramaturgia e relação com o território.

Nessa busca por formas do teatro se incorporar à comunidade e deixar rastros da experiência para além do acontecimento cênico, propus intervenções de lambe-lambes no muro em frente à minha casa, utilizando as criações gráficas realizadas ao longo do processo. Assim, as imagens no muro ampliaram as camadas da dramaturgia, materializando-a no espaço como interlocutoras da experiência cênica.



Figura 6 – Intervenção de lambe-lambes no muro do campo de futebol do Retiro Sport Clube para temporada do espetáculo “Daqui – teatro de Lucas Fabrício”. Nova Lima, dezembro de 2021¹².

Além disso, no quarteirão ao lado está a Paróquia de Santo Antônio do Morro Velho, onde diariamente às 18h é reproduzida uma oração no alto falante, além de notas de falecimento, com alcance em grande parte do bairro Retiro e arredores. Em parceria com a paróquia, propus a reprodução de intervenções sonoras no alto falante durante a apresentação da peça. Os áudios eram reproduzidos de modo a integrarem o espetáculo, ressignificando um elemento que faz parte da identidade do bairro. Para ampliar ainda

¹² Créditos: Lucas Fabrício.

mais a experiência do público, também convidamos a paróquia para vender pastéis nos dias de apresentação, resgatando a memória da Festa de Santo Antônio que ocorre anualmente na mesma rua.

De 2 a 5 de dezembro de 2021, “Daqui” ocupou a Rua Padre Américo Coelho no bairro Retiro, propondo na comunidade uma ocupação teatral que envolveu a rua, a casa em construção, o muro do campo de futebol, a paróquia, o bairro e a cidade, sobrepondo diferentes camadas de sentidos para uma experiência teatral incorporada na comunidade. Durante os dias de apresentação, foi possível perceber uma relação do público com suas próprias memórias a partir da revelação da minha história de vida. Como se a camada biográfica inicialmente evidenciada durante as vadiagens pela cidade fosse aprofundada, gerando novas redes comunitárias e perspectivas históricas coletivas. Após as apresentações, pessoas do público me procuravam para apontar semelhanças entre nossas histórias e vivências e para compartilhar suas próprias memórias, ampliando inclusive a dimensão da história da minha família.



Figura 7 – Registro da temporada do espetáculo “Daqui – teatro de Lucas Fabrício”. Nova Lima, dezembro de 2021.¹³

¹³ Créditos: Nívea Sabino.

Se a itinerância e o nomadismo podem ser características relacionadas ao conceito de vadiagem, num truco epistêmico a temporada de “Daqui” ritualizou uma das etapas da construção da minha casa. Com a continuidade da obra, a construção tem transformado progressivamente, e de modo permanente, a espacialidade onde a peça foi criada, inviabilizando novas temporadas. Todavia, mesmo em seu caráter específico, acredito que a estrutura dramática do trabalho e suas engrenagens permitam desdobramentos em outras espacialidades.

O processo criativo do espetáculo segue em estágio de registro para posterior análise no âmbito do mestrado, onde tenho aprofundando o estudo do conceito de *vadiagem* e suas possibilidades para diálogo com a criação cênica na rua. Do mesmo modo, a presença da autobiografia e suas reverberações no processo também serão objetos de análise.

Aprendi certa vez que fazer teatro na rua é como produzir um corte no espaço, que logo se transformará em cicatriz, rememorando a experiência que ali ocorreu: dar rasteira na efemeridade que dizem ser intrínseca ao teatro e transformar o acontecimento cênico em memória reacendida a cada passagem pela rua, pelo bairro, pela cidade... Tanto é que desde a temporada de “Daqui”, vez ou outra alguém me para no bairro perguntando: “quando vai ter teatro de novo?”.

REFERÊNCIAS CITADAS

ANDRADE, Antônio Luís de. **Das entranhas da terra: disciplinamento, resistência e luta.** *Temas e Matizes*, v. 09, n. 17, p. 63 – 86, 2010. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/4704>> Acesso em: 07 de abril de 2022.

BURTON, Richard Francis. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. (Coleção O Brasil visto por estrangeiros).

FIGUEIREDO, Artur Magnani. **O resgate da centralidade da Mina Grande em Nova Lima: história, memória e desenvolvimento.** 2017. 154 p. Dissertação (Mestrado em

Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **Quadrilátero Ferrífero**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/quadrilatero-ferrifero.htm>. Acesso em 23 de abril de 2022.

GROSSI, Yonne de Souza. **Mina de Morro Velho: a extração do homem** / Yonne de Souza Grossi. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção Estudos brasileiros; v.55).

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano** / Grada Kilomba ; tradução Jess Oliveira. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Cobogó, 2019.

MAIA, Andrea Casa Nova. **Outro inferno de Dante numa mina de ouro na época de Vargas**: Nova Lima, Minas Gerais. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, v.21, n.4, p.1197-1214, out./dez. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702014000400007>> Acesso em: 07 de fevereiro de 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos** / Kabengele Munanga. – 4ed. 2.reimp. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2020. – (Coleção Cultura Negra e Identidades).

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórulo Editorial, 2019.

TEATRO&CIDADE. [Site institucional]. Disponível em: <www.teatroecidade.com/teatro-cidade>. Acesso em: 23 de abril de 2022.

TEATRO PÚBLICO. [Site institucional]. Disponível em: <<http://teatropublico.com.br/>> Acesso em: 23 de fevereiro de 2022.